

# SABERES E MOVIMENTO – O DIÁLOGO ENTRE EDUCAÇÃO FÍSICA E EDUCAÇÃO INFANTIL:

## REFLEXÕES A PARTIR DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

DRNDA. JACIARA OLIVEIRA LEITE

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em  
Educação da Universidade de Brasília/UNB  
Professora da Faculdade de Educação Física e Dança da  
Universidade Federal de Goiás/UFG

MSNDA. DAYSE ALISSON CAMARA CAUPER

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino na  
Educação Básica da Universidade Federal de Goiás/UFG  
Professora da Faculdade de Educação Física e Dança da  
Universidade Federal de Goiás/UFG

MSNDA. POLIANA CARVALHO MARTINS

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação  
Básica da Universidade Federal de Goiás/UFG  
Professora do Departamento de Educação Infantil do Centro de Ensino e Pesquisa  
Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás/UFG

**Resumo** | Este texto trata sobre algumas experiências pedagógicas desenvolvidas por licenciandos, em 2010 e 2011, na disciplina de estágio em Educação Física no campo da Educação Infantil. O estranhamento dos estudantes com as crianças pequenas, as dúvidas sobre o que ensinar e a organização do trabalho pedagógico da Educação Infantil, bem como o compromisso pedagógico e a criatividade das propostas, são fontes desta reflexão. Assim destacamos: a importância de que as crianças vivenciem os saberes motoramente, brincando e tendo contatos iniciais com seus significados histórico e cultural; a reciprocidade nas contribuições entre os campos do conhecimento da Educação Física e da Educação Infantil e o trabalho coletivo para uma educação que vise à formação humana das crianças numa perspectiva global.

**Palavras-chave** | Educação Infantil; Educação Física; Prática pedagógica.

## INTRODUÇÃO

Desde o ano de 2007 a creche da UFG apresenta-se como o único campo de estágio na Educação Infantil da Faculdade de Educação Física e Dança. As unidades federais de Educação Infantil surgiram na década de 1970, fruto das lutas dos movimentos sociais e das mulheres, e com o objetivo de atender as crianças filhas das trabalhadoras das universidades públicas em seu local de trabalho. Ao longo do tempo, a maioria delas reviu suas funções, ampliando-as para as noções de direito, cuidado e educação das crianças, e se abriu ao ensino, pesquisa e extensão (RAUPP, 2006).

Esse é o caso da antiga creche, hoje Departamento de Educação Infantil do CEPAE/UFG, fundada em 1989, que atualmente desenvolve concretamente um projeto educativo baseado na perspectiva histórico-cultural de Vygotsky (Projeto Político Pedagógico - PPP, 2015) e que se organiza por meio do trabalho coletivo envolvendo cursos, profissionais e estudantes de diferentes campos do conhecimento, como Artes, Pedagogia, Letras e Educação Física.

Desde 2010 atuando como professoras da disciplina de Estágio Supervisionado II e como supervisora de campo, analisou-se o processo de superação do desafio de planejar e desenvolver práticas pedagógicas que trataram da cultura corporal com os pequenos de diferentes faixas etárias.

Resumidamente, a disciplina constitui-se por: estudos (concepções de criança e infância, aprendizagem e desenvolvimento, Educação Infantil (E.I.), Educação Física (E.F.) na E.I., entre outros); pesquisa diagnóstica; participação efetiva na rotina da instituição; planejamento e intervenção; análise e sistematização das reflexões. Tem a duração de dois semestres letivos e os estudantes se organizam em duplas.

A escolha do campo é feita pelos próprios estudantes, e os que optam pela E.I. demonstram apreciação e curiosidade pelo trabalho com as crianças pequenas. Frequentemente, tudo é novidade para eles e as comparações com a organização escolar e um certo desconforto são comuns no princípio, mas essa estranheza vai aos poucos se desconstruindo e dando lugar ao entendimento das especificidades dos sujeitos e dessa etapa da Educação Básica.

A pesquisa diagnóstica possibilita compreender a organização do trabalho pedagógico (OTP) e estabelecer vínculos com os sujeitos (crianças, educadores, trabalhadores em geral), sobretudo por meio da observação participante. A apreensão da realidade do campo favorece o planejamento e as intervenções futuras. Também faz parte da pesquisa a realização de entrevistas, com os educadores e a gestão, e a análise de documentos (PPP, Planos de Ação, Projetos, entre outros).

A inserção gradativa no cotidiano permite uma relação de parceria entre educadores e estudantes e contribui na formação da identidade docente desses, favorecendo a superação do estranhamento inicial. As crianças passam a vê-los como um outro adulto referência e a responsabilidade sobre as tarefas e acontecimentos da rotina<sup>1</sup> (dar banho, trocar fraldas, dar/orientar a alimentação, brincar junto, planejar e propor atividades...) vai sendo cada vez mais compartilhada. Esse processo não é linear e acontece em diferentes tempos<sup>2</sup>.

## 1. EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS E A CULTURA CORPORAL

O dia-a-dia de uma instituição de E.I. é dinâmico, reserva surpresas e é marcado pela espontaneidade das crianças. Conforme Ostetto (2000, p. 177), planejar na E.I.: “[...] é essa atitude de traçar, projetar, programar, elaborar um roteiro para empreender uma viagem de conhecimento, de interação, de experiências múltiplas e significativas para/com o grupo de crianças”.

1. Segundo Barbosa (2000) a rotina é uma categoria pedagógica. “As rotinas são dispositivos espaço-temporais. E podem - quando ativamente discutidas, elaboradas e criadas por todos os interlocutores envolvidos na sua execução - facilitar a construção das categorias de tempo e espaço. A regularidade auxilia a construir as referências, mas ela não pode ser rígida, pois as relações de tempo e espaço não são nem *a priori*, nem são únicas sendo preciso construir relações espaço-temporais diversas [...] são os filtros curriculares, porque podem efetivar o currículo, ou constituir-se no empecilho para a sua execução (Idem, p. 232-233).
2. Depende das interações que se estabelecem entre estagiário-educador, estagiário-criança, do envolvimento, entre outros fatores.

Para a escolha dos saberes e a proposição de atividades na instituição alguns aspectos foram considerados: os interesses e as necessidades demonstradas pelas crianças; a OTP; a interlocução com as áreas de experiência do currículo (música, brinquedos e brincadeiras, linguagens, artes e passeio); o tema do projeto<sup>3</sup> e o plano de ação de cada grupo, ambos indicados pelos educadores do DEI.

Muitos conhecimentos e experiências corporais significativas foram propostas durante os estágios. Alguns deles, ao menos à primeira vista, não possuíam, como intenção principal, o trabalho com conhecimentos ditos sistematizados da E.F. A princípio, era notória a expectativa frustrada de “colocar em prática” o que entendiam como matéria específica da área, entendida aí como disciplina escolar, com tempo determinado, aula e alunos. Mas, com o decorrer do tempo, iam percebendo que a dimensão corporal estava em tudo, da troca de fraldas à brincadeira de roda. Já era difícil explicar os limites da E.F. ou não era mais preciso. Os estudos, as orientações e, sobretudo, a participação na rotina, contribuíram sobremaneira para a mudança de concepção.

Aos poucos também entendiam que a atividade é que faz o tempo (SAYÃO, 2000). Ela duraria e iria acontecer junto com as crianças, de acordo com o envolvimento, curiosidades, e que as necessidades fisiológicas e afetivas faziam parte do processo e, portanto, da prática pedagógica.

Ressalta-se que o brincar e as interações são eixos norteadores das práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da E. I. (Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil - DCNEIS, 2010) e que essas dimensões buscaram ser a todo momento observadas e consideradas.

Apresentam-se a seguir três experiências significativas, das muitas que são, desenvolvidas pelos estudantes. Essa seleção se justifica pela

---

3. As atividades pedagógicas do DEI tem sido organizadas por projetos semestrais ou anuais, a partir de um tema definido coletivamente que se articula com o currículo da instituição e com as propostas para cada grupo (Planos de Ação). “[...] Tal temática busca considerar tanto as necessidades de aprendizagem e desenvolvimento da criança da faixa etária atendida quanto seus interesses pautando-se no tripé brincar/cuidar/educar” (PPP, 2011, p. 25)

escassez de publicações sobre o assunto, assim como pela forma inovadora e bem contextualizada que a ginástica, a dança e o esporte foram tratados pedagogicamente, além da apreensão, interesse e encantamento demonstrado pelas crianças. Tais temas contribuíram para a ampliação das experiências de movimento das crianças (SAYÃO, 2004) e para o (re) conhecimento das características, da história, dos objetos, dos rituais que identificam cada um deles e seu rico arcabouço de possibilidades motoras, lúdicas, de significação cultural e de faz-de-conta.

### *Ginástica*

No ano de 2011 o DEI trabalhou com o projeto “Literatura na E.I.” e a proposta para o grupo II (crianças de 2 a 3 anos) foi “Altas Aventuras: explorando, compartilhando e convivendo”, cujo objetivo era a exploração dos diversos ambientes, tendo como eixos as áreas de experiência do currículo.

A ginástica<sup>4</sup> se integrou às atividades do grupo baseando-se em algumas histórias de aventura e nos desafios e descobertas sobre o locomover-se e outras formas de sustentação do corpo, explorando e ressignificando diferentes locais (MORAES & MARQUES, 2011).

Uma das atividades retomou a história de Pedro Malazartes e sua sopa, que foi contada dias antes para todos, mas dessa vez era uma sopa de imagens, enviada às crianças pelo próprio protagonista. Ela continha figuras ilustrando movimentos como correr, saltar, pular, rolar. Enquanto as crianças (re)contavam a aventura de Malazartes, a panela cheia de figuras ginásticas era colocada aleatoriamente atrás de uma delas, que escolhia um movimento e o recriava como quisesse. Em outro dia marcante foi realizado um passeio até o ginásio da FEFD, um espaço estruturado com tatame, colchões, plinto, trave, barras, trampolim. Uma grande aventura!

Ao longo das propostas as crianças puderam vivenciar variadas maneiras de equilibrar-se, girar, correr, saltar, pular, rolar e manipular

---

4. O plano de ação que tratou da ginástica foi elaborado e desenvolvido pelas estudantes Fabrícia Marques e Ana Paula Moraes durante no ano de 2011.

objetos como o arco e a corda, confeccionar e experimentar a fita, e realizar movimentos ginásticos inspirados nos animais.

## *Dança*

A proposta da dança<sup>5</sup> teve também como base o projeto de literatura e foi desenvolvida com o grupo III (crianças de 03 a 04 anos de idade). O projeto do grupo, a princípio, girava em torno de conhecer algumas histórias da mitologia grega, mas, a partir dos interesses demonstrados pelas crianças, houve a inserção de contos regionais, africanos e de fadas.

A contação de histórias despertou muito o interesse do grupo, especialmente a oportunidade de (re)contá-las, que acabou se tornando uma expectativa e um ritual. Após cada história as crianças aguardavam ansiosamente para narrá-la novamente às suas maneiras. Um exemplo foi a História do Deus Grego Dionísio, atividade na qual elas foram recebidas por ele (uma estagiária caracterizada) que interpretou seu mito e convidou-as para participarem de uma Festa Grega, tomaram suco de uva em tacinhas plásticas, dançaram e festejaram. Outro conto, foi a lenda do tambor africano, em que se pintaram, dançaram e tocaram tambor.

Envolvidas nesses enredos, as estudantes buscaram trabalhar os quatro fatores de movimento da dança, quais sejam: peso, tempo, espaço e fluência<sup>6</sup> (LABAN,1978). As atividades basearam-se na experimentação corporal, atentando-se a essas características por meio do brincar e do movimentar-se individual e coletivo.

Ao jogar uma pedra e uma pena, as estagiárias perguntaram aos pequenos: “Qual fez mais barulho?”, “Qual chegou mais rápido?”, “Como será dançar como uma pena?”. Uma criança respondeu: “Bem... devagarzinho, com sono”, uma outra abriu os braços como se estivesse voando lentamente. “E como é dançar como uma pedra?” Uma delas respondeu

---

5. O plano de ação que tratou da dança foi elaborado e desenvolvido pelas estudantes Sabrina Fernandes e Carolina Santos durante no ano de 2011.

6. Em linhas gerais, “[...] o peso pode ser leve ou firme, o tempo pode ser rápido ou lento, o espaço pode ser direto ou flexível e a fluência pode ser livre ou controlada” (LABAN apud FERNANDES & SANTOS, 2011, p. 5).

“Forte. Com barulho. Assim ó!” e bateu o pé forte no chão. As estudantes convidaram: “Vamos dançar?”. As crianças, então, experimentaram jogar a pena e a pedra, e dançaram ao som de ritmos mais leves e devagar (ex: xote), e mais pesados e rápidos (ex: rock). Outra experiência corporal foi feita com um grande papel pardo estendido no chão e uma bacia com tinta. As crianças molhavam o pé na tinta e dançavam em cima do papel, buscando pintar todo o espaço. Depois de muito dançar, observaram as formas, as cores e os espaços preenchidos.

### *Esporte*

“Brincar futebol”<sup>7</sup> foi o título da proposta desenvolvida com crianças de 03 a 04 anos em 2010. O tema dialogava com o projeto “O Mundo Belezinha do Grupo III”, que tinha como base contos infantis e atividades diversas em que eram ressaltados aspectos para melhorar as interações entre as crianças, pois conflitos recorrentes eram observados entre as mesmas (BEZERRA & BARROS, 2010).

Elementos característicos e básicos da modalidade foram vivenciados: espaço (campo, quadra, lugar dos jogadores, lugar do goleiro), materiais (gol, bola, luva), personagens principais (goleiro, demais jogadores, juiz), movimentos (chutar, agarrar, dominar a bola), além de narrativas relacionadas ao esporte. A construção de materiais pelas crianças - gol, luvas do goleiro, bolas, troféus, bandeiras e medalhas - também fez parte das vivências.

A atividade sobre a história do Fluminense foi expressiva e era lembrada com frequência pelas crianças. O Fluminense é conhecido como time pó de arroz, devido a um jogador que em 1914 buscou “disfarçar sua negritude” se pintando de branco com pó de arroz. As crianças conheceram e vivenciaram a história, primeiro por meio de desenhos coloridos

---

7. O plano de ação que tratou do futebol foi elaborado e desenvolvido pelas estudantes Kamilla Bezerra e Vanessa Priscilla Barros. O trabalho realizado foi apresentado no IV Congresso Goiano de Ciências do Esporte - CONCOCE (2010) e deu origem a monografia de Kamilla intitulada “Práticas Corporais e E.I.: o brincar futebol” (2010).

por elas e que formaram um grande livro. Depois, puderam passar farinha de trigo no rosto e brincar de futebol. Ao final foram questionadas: “Galerinha todos podem jogar futebol? E os negros podem jogar? E os brancos?”, uma das crianças perguntou: “E quem usa óculos?” (Idem).

A intenção era enfatizar que o futebol, ou qualquer outra brincadeira, poderia ser jogado por todos independente de qualquer característica. A ideia fundamental de que o futebol se joga com os pés era nova para os pequenos, vivenciá-la corporalmente colaborou no aprendizado da bola como objeto do grupo, pois a brincadeira só seria possível se a mesma estivesse no chão e não nas mãos de alguém, com exceção do goleiro.

## **REFLEXÕES FINAIS**

Estes anos do estágio têm mostrado contribuições recíprocas entre os campos do conhecimento da E.F. e da E. I. Por um lado, os sujeitos e a OTP da E.I apresentam desafios, provocam reflexões e redimensionamentos na prática pedagógica em E.F, ampliando as possibilidades de seus saberes e de interlocução com outros. Ao mesmo tempo, a E.F. possui um acúmulo de discussões, estudos e experiências pedagógicas sobre o corpo, movimento e brincadeira que pode muito contribuir com a educação e cuidado das crianças.

No início da vida, o movimento apresenta como primeira intenção a expressão da afetividade, chamada de motricidade expressiva por Wallon. Aproximadamente no final do primeiro ano de vida, o movimento passa a agir também como um instrumento de exploração do mundo físico, por meio de gestos (“praxias”), o que seria o começo da dimensão cognitiva do movimento, ou seja, as “origens motoras do pensamento” (GALVÃO, 1998).

Isso, reafirma a importância de espaços e tempos garantidos para o movimento na rotina das instituições de E.I., “[...] não somente como uma necessidade físico-motora, mas também como uma capacidade expressiva e intencional” (GARANHANI, 2008, p. 128). Neste sentido, é fundamental que as crianças vivenciem os saberes motoramente, brincando e tendo contatos iniciais com seus significados histórico e cultural.

O conceito de zona de desenvolvimento proximal (VYGOTSKY, 2003) pode corroborar na escolha e no trato pedagógico dos saberes, pois instiga olhar para o desenvolvimento em processo a fim de perceber possibilidades de intervenções pedagógicas e conhecimentos significativos que possam contribuir com saltos qualitativos.

Cada um dos temas apresentados possui movimentos específicos que requereram o aprendizado de algumas técnicas, como: os rolamentos na ginástica, o chute no futebol, dançar leve ou pesado. A técnica é aqui entendida como construção humana (COLETIVO DE AUTORES, 1992), por isso, social, histórica e cultural e como algo a ser descoberto por cada um e pelo grupo.

Foi fundamental atentar para as diferenças conceituais entre o brincar espontâneo e cada um dos temas trabalhados, já que o primeiro é a manifestação lúdica e constitutiva da própria criança, enquanto os temas provém de atividades sistematizadas, algumas vezes regulamentadas. As reflexões e o trabalho coletivo no interior da instituição de E.I. e na disciplina de estágio, os estudos teóricos e a criatividade foram as estratégias construídas para avançar nesse desafio posto.

Nascimento *et al* (2009, p. 61), ao contextualizar uma experiência com o ensino de esportes na E.I., indagaram:

Seria possível abordar conteúdos tradicionais da E.F., num ambiente onde a crítica à escolarização tradicional e à fragmentação de conteúdos em áreas disciplinares se fazia presente? Mas, ao mesmo tempo, por que privar os pequeninos de experimentarem e conhecerem práticas corporais como o esporte, por exemplo?

Sayão (2004) sintetizou alguns pontos de partida para a seleção de saberes da EF para EI, quais sejam: os interesses e necessidades das crianças; o brincar e o movimento como aspectos inter-relacionados; a consideração das experiências de movimento espontâneo e “bagagem” das crianças; a cultura popular; movimentos que permitam variadas experiências corporais e novas possibilidades e conhecimentos.

As contribuições para a E.I. advindas de campos específicos, como o da E.F., precisam se articular com a organização dessa etapa da Educação Básica e as discussões já acumuladas sobre o tempo e espaço de

aprendizado e desenvolvimento das crianças pequenas. O trabalho coletivo e a troca de conhecimentos entre os profissionais que atuam nesta etapa, como buscou-se demonstrar no texto, podem superar a divisão das áreas e avançar na direção de uma educação que vise à formação humana dos sujeitos em questão - as crianças.

## REFERÊNCIAS

BEZERRA, K.; BARROS., V. P. **Plano de Ação Grupo III**. 2010. (mimeo).

BEZERRA, K. **Práticas corporais e Educação Infantil**: o brincar futebol. 2010. 79 p. (Monografia em Educação Física). Curso de Educação Física, Faculdade de Educação Física e Dança, UFG, Goiânia/GO, 2010.

BARBOSA, M. C. **Por amor e por força**: rotinas na educação infantil. 2000. 283 p. (Tese em Educação). Curso Educação, Faculdade de Educação, UNICAMP, Campinas/SP, 2000.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

FERNANDES, S.; SANTOS, C. **Plano de Ação Grupo III**. 2011.(mimeo)

GALVÃO, I. **Henri Wallon**: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

GARANHANI, M.. A Educação Física na Educação Infantil: uma proposta em construção. In: **Educação Física para a Educação Infantil**. FILHO, N.; SCHNEIDER, O. (org.). Aracaju/SE: Editora UFS, 2008.

LABAN, R. **Domínio do Movimento**. VECCHI, A. M. B.; NETTO, M. S. M. (tradução). São Paulo: Summus, 1978.

MARQUES, F.; MORAES, A. P. **Plano de Ação Grupo II**. 2011. (mimeo).

NASCIMENTO, B. D.; VASCONCELOS, V. P.; GONÇALVES, M. C. Esporte, Educação Física e Educação Infantil: estabelecendo novos diálogos. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 1, n. 1, p. 57 - 70. Campinas, SP: CBCE e Autores Associados, 2009.

OSTETTO, L.E. **Encontros e encantamentos na Educação Infantil**: partilhando experiências de estágio. Campinas/SP. Papirus, 2000.

RAUPP, Marilene Dandolini. Reflexões sobre a infância: conhecendo crianças de 0 a 6 anos. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006.

SAYÃO, D. T. Infância, Educação Física e Educação Infantil. In: **Síntese da Qualificação da Educação Infantil**. Florianópolis. Prefeitura Municipal, SME, 2000.

\_\_\_\_\_. O fazer pedagógico da/do professor/a de Educação Física na E.I.. Cadernos de Formação. Ed. Prelo, Florianópolis, p. 29 – 33. 2004.

SILVA, E. L.; PEIXOTO, A. R. (2012). **Plano de Ação Grupo III**. 2012. (mimeo) UEI/CEPAE/UFG. **Projeto Político Pedagógico**. 2011 e 2015.

VYGOTSKY, L. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

**Recebido: 18 abril 2016**

**Aprovado: 07 julho 2016**

**Endereço para correspondência:**

**Jaciara Oliveira Leite**

**QI 10 Bloco T, apto 304**

**Guará I**

**Brasília – DF**

**CEP: 71010-207**

**jacifef1@yahoo.com.br**